

ALIGA WOODSHOP

A ALIGA é uma oficina de marcenaria baseada na Serra da Lousã, focada em criar peças personalizadas, principalmente com madeira de reuso. Idealizada por Aristóteles e Ana Carolina Cantalice, a oficina possui uma produção lenta e reflexiva, que abarca todo o processo relativo a uma peça desde seu desenho à sua construção. Essa visão de mundo culminou, em 2021, no reconhecimento da oficina como uma Unidade Produtiva Artesanal (Carta N.123863 - Marcenaria).

Sobre os artesãos:

Aristóteles Cantalice II vem de uma família de escultores e pintores da cidade de Olinda - Pernambuco, Brasil. Estudou Artes e Design na Esc. Secundária Gabriel Pereira (1998-1999, Évora - Portugal), é arquiteto pela FauPE (2001-2005, Brasil), mestre e doutor pela UFPE (2007-2009/2011-2015, Brasil), foi pesquisador visitante do dARQ FCTUC (2013-2014, Portugal), fez pós-doutoramento no CEAU da FAUP (2018-2019, Portugal), onde desenvolveu uma pesquisa relacionada a artesãos da madeira modernos, entre eles Joaquim Tenreiro (português), George Nakashima (nipo-estadunidense) e James Krenov (russo);

Ana Carolina Cantalice é professora, arquiteta, e uma profunda amante das artes e trabalhos manuais. Entre 2016 e 2017 passou pouco mais de um ano a viver na Cidade do México estudando os painéis do muralismo mexicano, tema de sua primeira tese de doutoramento. Atualmente desenvolve sua segunda tese de doutoramento no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e, em paralelo, produz peças em madeira. A formação teórica de ambos constituiu um alicerce favorável ao entendimento do valor do ato de projeção em madeira, fosse por meio de teóricos que versam sobre a importância do domínio técnico dos artífices, fosse por meio do entendimento da visão que os artesãos tem de seu ofício.

O PERCURSO

Tanto Aristóteles quanto Ana Carolina iniciam o percurso de projeção de mobiliário em marcenaria ainda nas faculdades, como desenhistas de escritórios de arquitetura com enfoque em ambientes interiores, e continuam a projetar espaços de interiores como arquitetos diplomados. Esse interesse por mobiliário continua a crescer e ambos fazem alguns cursos de curta duração para se aprimorar como *Marcenaria Criativa Mobiliário Único* (2016, Marcenaria Olinda - Brasil), cujo produto final foi desenhado com madeiras de reuso; *Curso de Ensembles de Ebanistería* (2016, Gaspart Studio - México), cujo projeto final foi a primeira versão do banco cata-vento, construído em madeira de Tzalam e Pinho americano; e o *Curso de Introdução ao acabamento de madeiras* e o *Curso de Aplicação de Óleos* (2019, Marcenaria Olinda/General Iron Fittings - Brasil), onde aprimoram seu conhecimento sobre acabamentos finos por meio de óleos naturais (Fig.1).

Fig. 1: Primeiros trabalhos durante um curso em 2016.



Entretanto em fins de 2015 ambos passam experimentar a construção de peças com suas próprias mãos, a trabalhar predominantemente com madeiras descartadas como matéria-prima. Nessa altura as peças construídas são para uso próprio e para presentear amigos próximos, confeccionadas predominantemente nos horários livres e fins de semana. Nessa altura desenvolvem o candeeiro muxarabi, a mesinha azulejo e uma sapateira. Inspirado nos muxarabis da cidade colonial de Olinda (Património da humanidade), o candeeiro muxarabi é resultado do encontro de várias peças que se interpõem e se encaixam em uma placa de madeira vazada por onde passam frestas de luz (Fig.2), as primeiras versões desse candeeiro foram produzidas de madeira Maçaranduba, reaproveitada de um antigo portão, e de pinho americano para as placas vazadas, e foram construídas com a intenção de presentes.

A mesinha azulejo foi criada para albergar dois antigos azulejos que foram retirados de seu sítio original por necessidade de reforma de um imóvel. A ideia tomada para as peças compõe a construção de duas pequenas mesas de cabeceira (Fig.3) para um quarto de dimensões reduzidas. O desenho proposto, contempla, inclusive, a visualização da parte inferior do azulejo, com a finalidade de tornar visível a sua superfície gasta com a argamassa do período, ou as marcas do azulejo original não utilizado. A sapateira, construída para uso próprio, se trata de uma peça desenvolvida em pinho americano e com uma faixa central em maçaranduba, a parte frontal é composta por duas portas pintadas que possuem dentro delas um trançado de madeira de maçaranduba que remete aos balaies indígenas brasileiros (Fig.11).



Fig. 2: Candeeiro muxarabi construído em madeira maçaranduba reaproveitada de um antigo portão, e pinho.



Fig. 3: Mesinha Azulejo, em madeira de sapele e faia, albergando um azulejo da Fábrica Santana, já em Portugal.

Os primeiros experimentos servem para consolidar um *modus operandi* que se aproxima do uso extensivo da madeira maciça, muitas vezes de reuso, trabalhando-se, inclusive, com madeiras de diversos tons. Além disso, nessa altura, já é possível perceber a constituição de um código de desenho que apesar de se aproximar de motivos de valor histórico e cultural, está igualmente circunscrito em motivos contemporâneos.

No fim de 2017, Aristóteles e Ana Carolina retornam para Portugal definitivamente e em 2018 inauguram a oficina ALIGA, na Serra da Lousã, onde passam a se dedicar exclusivamente ao ofício da marcenaria. Nessa altura, além de reproduzirem as peças de pequeno porte previamente desenhadas, criam outras se utilizando de mosaicos hidráulicos, ora reaproveitados de demolições, ora adquiridos de artesãos portugueses (Fig.4-5). Desenvolvem também o banco cata-vento e um candeeiro alto com a mesma temática (Fig. 6-7), bem como um candeeiro alto de três pernas (Fig.8).



Fig. 4: Mesinha hexagono, fabricada em madeira de sapele.

Fig. 5: Mesinha Ladrilho, confeccionada com ladrilhos hidráulicos produzidos por um artesão da área do Alentejo. Na foto central uma versão com as pernas em sapele a parte superior em tola.

Fig. 6: Banco cata-vento em madeira de sapele e castanho reaproveitado de uma antiga porta da área da Lousã.



Fig. 7: Da série cata-vento, um candeeiro em sapele.

Fig. 8: Candeeiros polígono, confeccionado a partir de lógicas de polígonos distintos e construído com madeira de sapele com acabamento em betume judaico.

A partir de fins de 2018, a ALIGA passa a produzir peças de maior porte a exemplo de consolas, aparadores e mesas. Estas peças, que nem sempre são de madeira de reuso, são igualmente exclusivas e detalhadas. Construídas sob demanda, elas possuem especificidades que as tornam únicas, seja pelo seu desenho, pelos acabamentos das frentes de gavetas, ou mesmo pelas marchetarias. Uma destas peças é a Consola (J+I), construída a partir de restos de uma antiga e grande secretária em madeira de Kambala Escura, que foi desmontada e teve suas peças

reaproveitadas (Fig. 9-11). As partes em madeira clara são de pinho utilizadas na obra de requalificação da mesma casa a que se destinou, foram lixadas e tiveram os excessos de cimento retirados, mesmo mantendo um tom levemente cinza pela incrustação. As gavetas da consola foram construídas a partir de antigas gavetas danificadas de sapele, que foram reaproveitadas e que possuíam um papel colado com a data de 1905, que foi emoldurado e mantido na lateral de uma das gavetas. O resultado do produto final foi de uma peça que serve a entrada da casa narrando-lhe um pouco da sua própria história, seja pela reutilização da madeira dos móveis incompletos e danificados que já habitavam a casa antes de sua renovação, seja pela reutilização das madeiras utilizadas na obra.

Fig. 9: Consola 1A construída em madeira de Kambala reutilizada de uma antiga secretária danificada e pinho reaproveitado de andaimes de uma requalificação de uma casa.

Fig. 10: O detalhe da gaveta de sapele reaproveitada e que foi mantida sua etiqueta original com a data de 1905.

Fig. 11: Consola (J+I) e detalhes da frente da gaveta e das prateleiras em pinho reaproveitado.



A consola 1B, concebida para o *hall* de acesso de um sobrado na zona histórica de Coimbra, foi pensada com intuito similar. Ela narra um pouco do que era o antigo piso que existia nesse *hall* ao se utilizar dos mosaicos que outrora o recobriam. Danificado pelo estado de ruína da casa, o piso em mosaico hidráulico teve de ser retirado, entretanto conseguimos resgatar e recuperar algumas poucas peças, que tornaram possível a construção do tampo da consola. O corpo da consola, todo construído em madeira de sapele, contrasta com as frentes das gavetas claras, em madeira de castanho, e que são trabalhadas com o desenho que fazem referência aos ladrilhos superiores (Fig. 12).



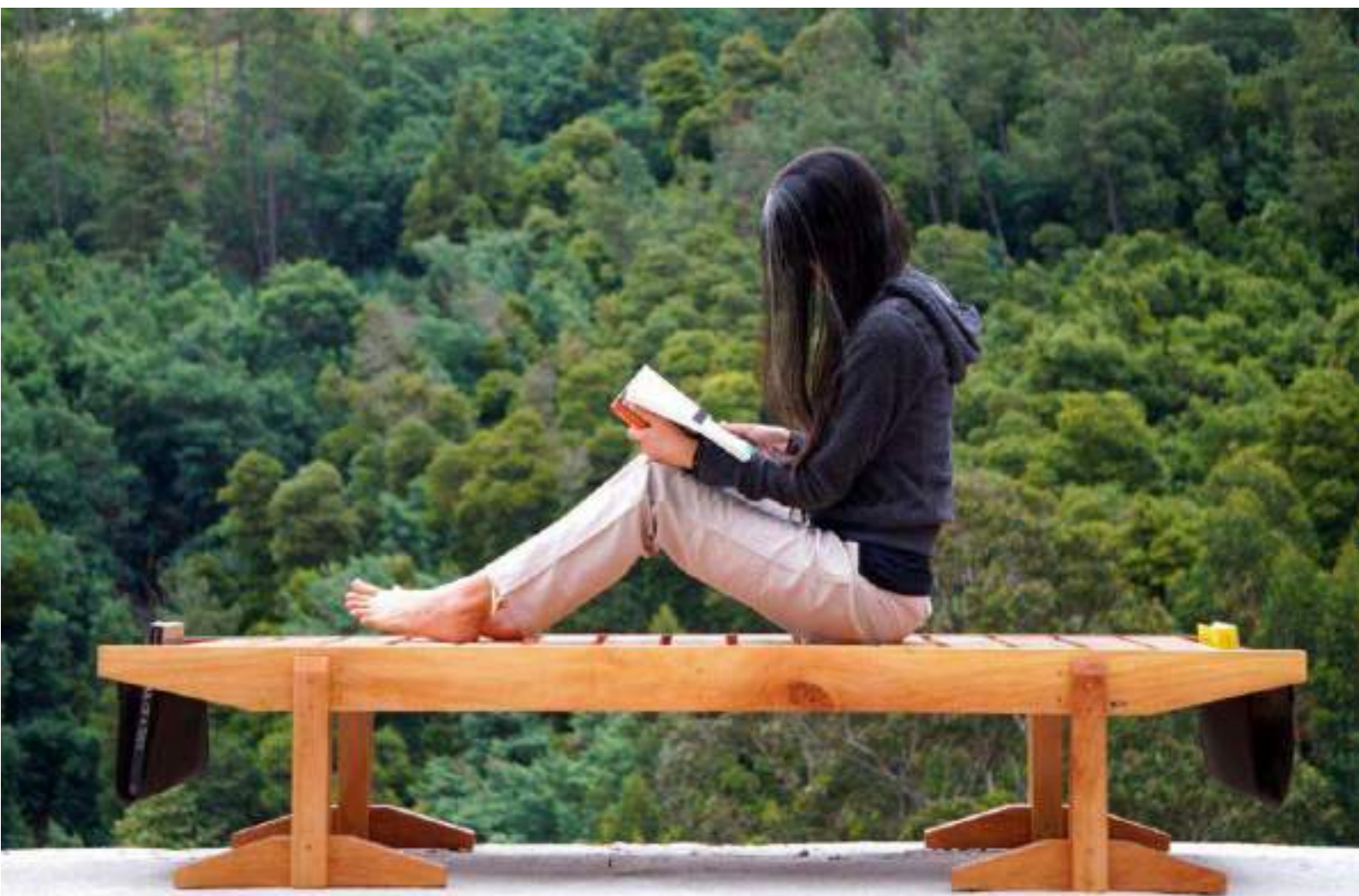
Fig. 12: Vista da Consola 1B com sua parte superior em mosaicos reaproveitados, e os detalhes escavados em losangos das frentes das gavetas.

Entre outros projetos de peças de maior porte, podemos citar o Aparador para vinhos e a *Daybed*, ambas construídas em madeira de plátano resultante da poda de uma grande árvore dessa espécie que vive na área de Penela, Coimbra. O Aparador para vinhos (Fig.13) possui em suas extremidades laterais/superiores desenhos de marchetaria em formato de seta, enquanto que sua parte posterior possui detalhes em seus encontros. Os detalhes são em madeira de sucupira resgatada de um antigo armário da zona de Leiria. A *Daybed* (Fig.14) também possui a mesma configuração de materiais, o plátano e a sucupira, e seu desenho peculiar, com extremidades pensadas para albergar revisteiros, reforçam um desenho que ao mesmo tempo que remonta a leveza de uma peça contemporânea, faz referência aos móveis tradicionais não ornamentados construídos no Brasil nos séculos XVIII e XIX.



Fig. 13: Vista da parte posterior do Aparador para vinhos, em madeira de plátano e detalhes em Sucupira.

Fig. 14: (Abaixo) Vista geral da *daybed*.



O Aparador (D+F) se trata de uma peça que deve albergar um sistema de som no lado esquerdo, e uma coleção de cds e DVD's em suas gavetas. A peça, toda construída em sapele com detalhes das gavetas em madeira de castanho (Fig.15). Bem como algumas inserções em sucupira, apoia-se em quadro pés singelos e possui, em sua parte superior, uma bela peça de sapele com textura peculiar. As gavetas inferiores possuem frentes trabalhadas em formato de losangos em baixo relevo, enquanto que as gavetas superiores possuem taliscas de castanho calculadas na mesma medida das taliscas da porta.



Fig. 15: Vista geral do Aparador (D+F) em sapele e castanho.

Em 2019 a ALIGA foi selecionada para expor seu trabalho na XXX Feira do Mel e da Castanha da Lousã, evento que concentra artesãos da área de Coimbra. Na ocasião foi montado um *stand* em uma área de 2x2 metros, onde expomos algumas peças de pequeno porte enquanto que, por meio de fotografias, documentamos nosso processo construtivo e nossas peças maiores (Fig.16-17). As peças foram expostas sobre uma porta resgatada de uma antiga casa da área de Condeixa-a-nova, e o *stand* foi igualmente decorado com pedaços de madeira que resgatamos para o reuso. Em 2020 a ALIGA foi convidada para proferir uma palestra *online* sobre o seu processo de criação e execução na disciplina de Tectónicas da Madeira, da professora Doutora Maria Luiza de Freitas, do curso de arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco (Fig.18).



Fig. 16-17: Vistas do stand durante a XXX Feira do Mel e da Castanha da Lousã.

Fig. 18: Na direita centro e inferior. Imagens da palestra sobre a oficina na disciplina de Tectónica da Madeira, do curso de Arquitetura da UFPE.

Além dos candeeiros de piso (Polígono e Catavento) e do de mesa (Muxarabi), também construímos diversos modelos de candeeiros de teto. Destas, a linha “1” é resultado de peças construídas para albergar plafonds de LED. O modelo 1A (Fig.19) foi pensado para um plafond de 60x30cm a ser fixado em uma viga central de uma casa com cobertura inclinada, e possui, além da iluminação para baixo, um ponto de iluminação para cima. Esse candeeiro foi todo construído em madeira de pinho, e possui os encaixes das quinas da moldura principal construídos com uma delgada travessa de madeira de sapele. O modelo 1B (Fig.39), possui uma linguagem semelhante, entretanto maior, pois foi construído para albergar um plafond de 60x60cm em um ambiente com pé direito de mais de três metros. Esse modelo foi totalmente construído em madeira de sapele e possui fixações da moldura principal em castanho.



Fig. 19-20: Na esquerda o modelo 1A em madeira de pinho, na direita o modelo 1B em madeira de sapele.

A linha “2” de candeeiros de teto é resultado de uma experiência com uma base distribuidora e braços independentes ligados por fiação ora tencionada, ora arqueada. Uma das especificidades desse tipo de candeeiro é que os casquilhos das lâmpadas, em cimento, também são executados por nós a partir de uma fôrma própria que montamos. O modelo 2A (Fig.21) foi o primeiro a ser construído nessa linha, ele possui uma base distribuidora retangular toda construída em sapele, e seis braços com vazaduras circulares de 50mm por onde a fiação se amarra para descer para o pendente em casquilho de cimento (Fig.22). O modelo 2B se trata de uma peça de distribuição com desenho peculiar e angulado (Fig.23-24) que se prepara para tensionar os cabos para os braços.



Fig. 21-22: Na esquerda o modelo 2A executado em sapele; na direita o casquilho de cimento fabricado por nós.
Fig. 23-24: na esquerda as partes do modelo 2B em sapele e faia; na direita o modelo aplicado com os fios tensionados.

Entre outros projetos de maior porte construídos pela ALIGA, está a mesa multifuncional denominada Mesa Treliça, que tem a finalidade de ser uma peça reversível, tanto para uso de trabalho como para refeições, e que seus nichos inferiores servem para guardar portáteis e papeis de escritório. A mesa tem sua tampa em pinho de assoalho e a parte pintada em branco de MDF, enquanto que seu complexo e escultórico sistema de suporte se desenvolve para apoiar uma treliça de madeira inferior (Fig.25). Outra peça é o Aparador (A+E), todo desenvolvido em madeira de sapele com as gavetas em madeira de castanho. Esse aparador possui um sistema inferior de suporte bastante peculiar, bem como as frentes de suas gavetas, que possui um baixo relevo nas partes frontais com desenhos de losangos. Além disso, essa peça foi desenvolvida em parceria com a loja UShabby Chic Coimbra, que personalizou suas portas frontais com uma pintura texturizada (Fig.26).



Fig. 25: Vista da mesa treliça e dos detalhes de encaixes de sua parte superior com diversas peças de pinho de assoalho.

Fig. 26: (Abaixo) Vista do Aparador (A+E), todo em madeira de sapele e com as gavetas em madeira de castanho. As portas foram pintadas pela Loja UShabby Chic Coimbra.



Em 2021 desenvolvemos também uma linha de sapateiras (Fig.27) com portas com losangos. A sapateira pode ser mais baixa e ter um assento, para a troca dos sapatos apoiando-se na própria peça. Ou pode ser mais alta para melhor se adequar a aqueles que vivem na serra, com local para botas e calçados mais altos. Além delas, construímos a Estante (S+H), que concebida toda em madeira de castanho foi pensada com partes desencontradas para favorecer certo dinamismo (Fig.28). E por fim a Estante Yona (F+I), que por sua vez, inspirada nos desenhos do arquiteto húngaro Yona Friedman, é desenvolvida a partir de uma grelha de madeira de castanho que pode albergar nichos e prateleiras em locais distintos, e permite a constante mutação da peça conforme o desejo de seu proprietário (Fig.29).



Fig. 27: Vista geral das sapateiras em madeira de sapele com as frentes e assento madeira mais clara (a esquerda platano, e a direita castanho).

Fig. 28: (Abaixo) Vista geral da Estante (S+H) em madeira de castanho.

Fig. 29: (Abaixo) Detalhe da Estante Yona (F+I) em madeira maciça de castanho e com detalhes em marchetaria com sucupira recuperada de um antigo armário descartado de Leiria.



No que diz respeito a produção de pequeno porte, a oficina passou a desenhar e construir tábuas de servir (Fig.30-31). As tábuas, normalmente longas e delgadas, possuem um corte moderno e são pensadas para se adequar bem às diversas configurações de organização à mesa. Suas bordas chanfradas normalmente interrompidas em alguns trechos, permitem uma utilização diferenciada, a depender do lado utilizado, ao mesmo tempo que soltam a tábua da mesa. As madeiras para essas peças, entretanto, são originárias dos restos da produção da própria oficina, e vale destacar que são sempre madeiras que nunca receberam tratamento, para evitar contaminação por meio de restos de vernizes ou materiais nocivos. Após terminadas, as tábuas recebem um acabamento de cera natural de abelha com adição de própolis, azeite de oliva, óleo de coco e óleos essenciais, igualmente produzida nos arredores da Serra da Lousã.



Fig. 30-31: Tábuas de servir construídas em madeira de faia, sapele e sucupira.

Ainda nesse ano de 2021, fomos entrevistados pela revista portuguesa **Mutante Magazine** (para aceder a entrevista, [clique aqui](#)), e por último, e não menos importante, a ALIGA possui algumas parcerias com lojas que se dispõem a vender suas peças. Sendo assim, as peças de pequeno porte, que são frequentemente construídas com madeira de reuso, são colocadas à exposição nessas lojas, enquanto que as peças de maior porte - normalmente construídas sob demanda - são encomendadas por terceiros ou mesmo por estas lojas. Expomos nossas peças em três lojas, a saber: a Encaixart, uma loja 'cooperativa' que comercializa exclusivamente peças de artesãos da área da serra da Lousã; a rede de lojas da UShabby Chic, que possui sua sede em Coimbra; e na Código Design, loja de peças do autor localizada na cidade do Porto. Apesar de termos essas parcerias, também vendemos peças por meio de nosso *website* próprio ou nossas redes sociais.

CONCEPÇÃO E CONSTRUÇÃO: O TRABALHO NA OFICINA

O desenho é frequentemente a primeira expressão a aparecer no processo de confecção de nossas peças. A ideia vem como um lampejo, e é transferida para o papel imediatamente, é documentada. Esses lampejos, claro, estão sempre embebidos de nossas raízes e de nossos sentimentos, de nossos contactos com o móvel colonial brasileiro, espartano e durável, de nossas vivências com as casas históricas e os sobrados, da arte popular, indígena, ou mesmo africana. Algumas ideias são lampejos imutáveis, outras são modificadas até chegar ao resultado final, nascem tortas, mas crescem eretas. O Candeeiro Muxarabi (Fig.2) é uma dessas que nasceu torta, e podemos ilustrar esse tipo de concepção a partir dos primeiros desenhos dele, que difere do desenho final, mas que entretanto possui certas características. A vontade de ter pernas esguias e um trançado que relembrasse os *muxarabis* olindenses perpassam as primeiros croquis, entretanto, o processo de amadurecimento da ideia é claramente visto no desenho final (Fig.33). Os lampejos são jovens, são releituras, reinterpretações, e logo que aparecem dão lugar a uma reflexão crítica sobre a construção, sobre os detalhes, sobre os encaixes. Dessa forma, em paralelo a ideia já surgem desenhos de detalhes que posteriormente serão utilizados para a construção (Fig.34). Os detalhes de encaixes e especificações aparecem nesse momento de concepção, e não depois, pois são frequentemente explorados desde a composição à construção.



Fig. 33-34: (Esquerda e centro) Desenhos de concepção do candeeiro muxarabi.

Fig. 35: Desenho da primeira proposta da *daybed* e do aparador de vinhos.

Após esse momento de desenvolvimento dos croquis, costumamos elaborar desenhos finais, seja para entender melhor a paleta de tons de madeira a ser utilizada no projeto (Fig.35), seja para apresentar aos clientes, seja para melhor entender o encaixe das partes do peça a ser produzida. Para projetos de maior porte é necessário fazermos um plano de corte para entendimento da quantidade de madeira necessária, quando isso ocorre, costumamos trabalhar com um desenho vetorizado para melhor organizar esse plano.

Com o desenho pronto, tratamos de fazer a escolha das madeiras que vamos utilizar. Como dito anteriormente, o processo de aquisição das madeiras é efetuado de duas formas, a primeira é por meio da compra e resgate de madeiras previamente utilizadas (de reuso), e a segunda por meio da aquisição de novas tábuas. No que diz respeito as madeiras de reuso, procuramos frequentemente qualquer tipo de madeira que esteja a ser descartada ou vendida, sejam restos de móveis, portas e janelas, antigas estruturas de coberturas de imóveis que devem ser remodelados, entre outras. Essas madeiras são levadas para nossa oficina, são limpas, tratadas, retiram-se os pregos, parafusos e ferragens, e a madeira é colocada ou em nossa oficina ou no nosso depósito para estabilizar seu nível de humidade (Fig.36-39) até que esteja apta a ser trabalhada.



Fig. 36: Madeiras resgatadas de locais diversos.

Fig. 37: Pregos retirados de uma antiga viga de carvalho.

Fig. 38 Nosso móvel com peças de madeira de tamanhos maiores.

Fig. 39: Móvel de retalhos para marchetaria com o higrômetro a controlar o humidade do ambiente.

O trabalho na oficina é auxiliado por algumas máquinas, nomeadamente: serra de bancada, desengrossadeira, serra esquadria, serra de fita, que fazem o trabalho mais duro; enquanto que para o trabalho mais leve, de acabamento, são utilizados formões, plainas e serrotes, bem como outras máquinas pequenas. O espaço principal se trata de uma bancada com 3 metros de comprimento, é nela que as peças são montadas, uma por vez (Fig. 40-43).



Fig. 40-43: Vistas gerais da oficina com uma mesa circular em fase de acabamento acima.

A construção das peças é feita ao detalhe, uma peça por vez, como dito anteriormente, e contempla todas as fases de construção até o seu acabamento. Nas peças menores, o trabalho de corte e confecção das partes é normalmente o mais demorado, pois exige bastante precisão. Os trabalhos de recortes e detalhes são normalmente efetuados com auxílio de *jigs* (gabaritos) construídos por nós mesmos, seja para o corte ou para o apoio. Os *jigs* tem um papel primordial nesse momento. Bandejas para deslize e *jigs* de ângulo permitem a construção de arremates e detalhes, a exemplo do nosso *muxarabi* (Fig.44). Já para a construção de detalhes de encaixe e respigas são utilizados gabaritos de corte com a serra de bancada, entretanto, o acabamento dessas peças é feita posteriormente com o graminho para marcação e com o formão (Fig.45). Posteriormente, a montagem e acabamento delas é efetuada com serrotes de acabamento e lixas (Fig. 46-47). Alguns *jigs* tem a finalidade de servir de apoio a algum elemento que será colado, a exemplo do *jig* angular para colagem e prensa das cabeças dos Candeeiros Polígono (Fig. 48), antes de terem seus pés encaixados (Fig. 49).

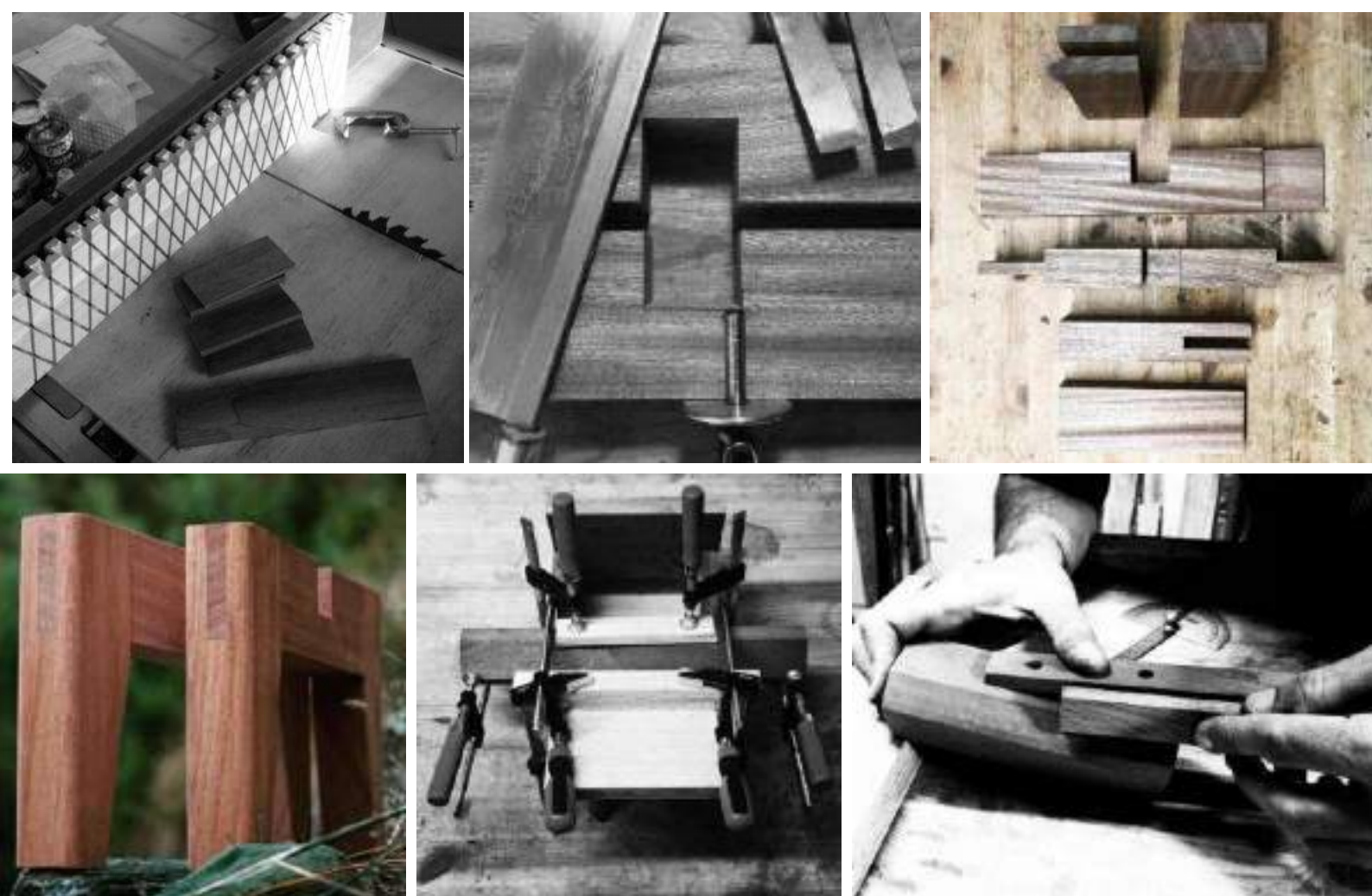


Fig. 44: Vista da bandeja utilizada para cortar o detalhe de um *muxarabi*.

Fig. 45- 46-47: Vistas de confecção das pernas do Aparador 1A.

Fig. 48: *Jig* para apoio de colagem da cabeça do candeeiro polígono.

Fig. 49: Montagem de um candeeiro polígono, a pequena placa quadrada está sendo utilizada para guiar o alinhamento da perna ao corpo.

O trabalho de corte e confecção das partes maiores, além da precisão necessária exige um bom manejo da área de trabalho por serem duas pessoas na oficina. As placas de confecção dos aparadores, por exemplo, ocupam bastante espaço principalmente enquanto estão em processo de colagem. Segue-se com o processo de montagem das partes, colagens (Fig. 40), processo de acabamento em lixa fina, até a grama 400, principalmente para os grãos de fim, e a peça fica pronta para o acabamento.



Fig. 40: A montagem do Aparador (D+F).

O produto final, então, é acabado com uma mistura ensinada pelo artesão Gaspar Tellez, do México, que se trata de uma variação da mistura utilizada originalmente pelo renomado artesão estadunidense Sam Maloof, e conta com óleo de linhaça e verniz marinho, sendo um acabamento bastante resistente. Sua aplicação, apesar de demorada (uma demão a cada 24 horas, em ambientes com baixa humidade), resulta em um acabamento acetinado, entretanto profundo, adicionando profundidade aos veios da madeira (Fig.41-42).



Fig. 41: Acima o passo-a-passo do acabamento com a mistura na Mesa Seta.



Fig. 42: Aparador (D+F) com o acabamento acetinado evidenciando a profundidade dos veios da madeira de sapele.



MARCENARIA
OLINDA

Declaro para os devidos fins que Aristóteles de Siqueira Campos Cantalice II realizou conosco as oficinas de marcenaria descritas abaixo:

MARCENARIA CRIATIVA MOBILIÁRIO ÚNICO

04, 05, 06, 12 e 13 de março de 2016

Carga horária: 20h

INTRODUÇÃO AO ACABAMENTO EM MADEIRAS

21 de setembro de 2019

Carga horária: 8h

TÉCNICAS DE APLICAÇÃO DE ÓLEOS

22 de setembro 2019

Carga horária: 8h

Durante a oficina de Marcenaria Criativa realizaram a produção de duas peças de mobiliário trabalhando a madeira do estado bruto ao acabamento, usando máquinas como:

Desempeno, desengrosso, serra esquadrejadeira, lixadeiras e ferramentas manuais.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente para efeitos legais

Fernando Ancil
Paudalho, 26 de junho de 2020.

GASPART STUDIO – ESCUELA DE EBANISTERÍA FINA Y CERÁMICA
PROL. AV. TOLUCA 438
BARRIO DE OTUMBA, VALLE DE BRAVO
ESTADO DE MÉXICO 51200
72 62 62 23 88
info@gaspartstudio.com
www.gaspartstudio.com



Valle de Bravo, Estado de México, MÉXICO, a 18 de junio de 2020

A QUIEN CORRESPONDA:

Por medio de la presente constato que ARISTÓTELES DE SIQUEIRA CAMPOS CANTALICE II participó en el CURSO DE ENSAMBLES DE EBANISTERÍA que se realizó en las instalaciones de Gaspart Studio del 6 al 9 de julio de 2016, y que concluyó el curso a mi total satisfacción, produciendo la pieza final que se le exigía para acreditar dicho Curso.

D.I. Gaspar Téllez T.

DIRECTOR GENERAL



Certificado

Certifica-se que, ALGA Woodstop,
participou na **XXX Feira do Mel e da Castanha da Lousã**, que decorreu de 15 a 17 de
novembro de 2019, no Parque Municipal de Exposições.

O Presidente da Câmara Municipal,

Luís Miguel Correia Antunes





MARCENARIA
OLINDA

Declaro para os devidos fins que Ana Carolina de Holanda Cantalice realizou conosco as oficinas de marcenaria descritas abaixo:

MARCENARIA CRIATIVA MOBILIÁRIO ÚNICO

04, 05, 06, 12 e 13 de março de 2016

Carga horária: 20h

INTRODUÇÃO AO ACABAMENTO EM MADEIRAS

21 de setembro de 2019

Carga horária: 8h

TÉCNICAS DE APLICAÇÃO DE ÓLEOS

22 de setembro 2019

Carga horária: 8h

Durante a oficina de Marcenaria Criativa realizaram a produção de duas peças de mobiliário trabalhando a madeira do estado bruto ao acabamento, usando máquinas como:

Desempeno, desengrosso, serra esquadrejadeira, lixadeiras e ferramentas manuais.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente para efeitos legais

Fernando Ancil
Paudalho, 26 de junho de 2020.

GASPART STUDIO – ESCUELA DE EBANISTERÍA FINA Y CERÁMICA
PROL. AV. TOLUCA 438
BARRIO DE OTUMBA, VALLE DE BRAVO
ESTADO DE MÉXICO 51200
72 62 62 23 88
info@gaspartstudio.com
www.gaspartstudio.com



Valle de Bravo, Estado de México, MÉXICO, a 18 de junio de 2020

A QUIEN CORRESPONDA:

Por medio de la presente constato que ANA CAROLINA DE HOLANDA CANTALICE participó en el CURSO DE ENSAMBLES DE EBANISTERÍA que se realizó en las instalaciones de Gaspart Studio del 6 al 9 de julio de 2016, y que concluyó el curso a mi total satisfacción, produciendo la pieza final que se le exigía para acreditar dicho Curso.

D.I. Gaspar Téllez T.

DIRECTOR GENERAL

mutante



ENTREVISTAS, UNIQUE

Construindo ALIGA

By Sara Quaresma Capitão · On 06/05/2021

Do imenso Nordeste Brasileiro para a também imensa, tudo depende do ponto de vista, Serra da Lousã, bem no centro deste Portugal – que caberia por inteiro dentro do Nordeste Brasileiro. Escalas e pontos de vista.

Carol e Tota Cantalice são o Nordeste de lá na Serra de cá. Dois estudiosos arquitetos e lentes que têm nas artes manuais a sua paixão maior: ALIGA.

Carol e Tota são o que podemos chamar daquelas surpresas que nos marcam e não se esquece mais. Mesmo ambos com um curriculum de fazer corar uma tábua de Carvalho ou Pinho, no seu discurso só se sente a paixão por uma disciplina que os rege – a Arquitectura – por uma matéria – a Madeira – por todo um passado que construiu dois investigadores com Doutoramentos na algarveira, Pós-Doutoramentos em marcha, com uma sede por uma investigação contínua e uma vontade de beber conhecimento sem fim. Dois arquitetos-artesãos que com madeiras re-usadas, ou novas, nos propõem viagens a um design que tem raízes claras no modernismo de lá, das suas raízes. Viagens que são feitas à medida de cada um e para cada um. Viagens que nos preenchem as casas que habitamos, completando-as e completando-nos.

raízes nordestinas, o seu percurso, a sua paixão uma disciplina tão vasta como a Arquitectura e como vieram parar a Portugal para erguer e fazer crescer a menina de seus olhos: ALIGA.



© Aparador D+F, Acervo ALIGA

Como se torna Carol Cantalice Arquitecta e Professora.

O que te levou a abraçar, mais do que uma profissão, uma disciplina que é a Arquitectura?

CC: Bom, lembro de quando era adolescente e estava chegando perto do momento de escolher que curso seguir. Gostava (e gosto) muito de artes plásticas e também ficava fascinada com construções. Lembro-me de me sentir numa espécie de corda-bamba, onde em um extremo estava artes plásticas e no outro estava engenharia civil. Basicamente, somei ambos e dividi por dois: e o resultado foi arquitetura! Acho que foi uma forma bem racional de escolher uma carreira! (Risos).

Como é que esse abraçar te levou à docência da disciplina, no sentido lato, da Arquitectura?

CC: Durante o curso, na Universidade Federal de Pernambuco, percebi que o mundo da arquitetura é muito vasto. Na metade do curso me apaixonei pela disciplina de Teoria e História da Arquitetura, que naquele período tratava do surgimento do modernismo e ia até o período contemporâneo (século XX e início do XXI), em âmbito internacional. No semestre seguinte, fiz a seleção para monitoria da disciplina, e fui aprovada. Desde então passei a fazer pesquisa científica na área de história do modernismo na arquitetura, e já sabia que queria seguir carreira docente depois de terminar a graduação. Após a graduação, tive experiência em estágio docência durante o mestrado, e ainda no fim do mestrado comecei a minha carreira docente no curso de Arquitetura de uma faculdade particular no Recife, da qual faço parte até hoje.

Arquitecta que ensina e investiga. Carol que se muda para a Cidade do México, por um ano aproximadamente, para estudar os painéis do muralismo mexicano – tema da tua primeira tese de doutoramento.

Porquê estes painéis e seu estudo mais aprofundado?

CC: Depois da graduação, estudei por dois anos sobre a integração entre as artes plásticas e arquitetura no mestrado. Após a conclusão, tive vontade de explorar mais profundamente como ocorre essa integração e, para

percebida a integração entre artes plásticas e arquitetura. Dentre os exemplos de integração arte-arquitetura latino-americanos, acredito que o que ocorreu no México, sobretudo na construção da UNAM é um dos exemplos mais fortes e reconhecidos mundialmente. Gostava muito de ter tido a oportunidade de ter estudado e vivenciado também o espaço integrativo da *Universidad Central de Venezuela*, que também acho um exemplo fortíssimo de integração, mas para a tese optei por focar apenas na UNAM.



© Carol Cantalice, por Caian Dechamps

Agarrando na tua tese de doutoramento e juntado a tua breve apresentação, onde lemos que tens nas artes e trabalhos manuais uma paixão maior.

Posso ousar em dizer que tens alma modernista, num movimento onde todas as artes – arquitectura incluída, claro – andavam mais próximas, numa fusão que, talvez, se tenha desvanecido com o caminhar do tempo?

CC: Sim! Completamente. Tenho uma verdadeira paixão pelo modernismo, especialmente pelos campos da pintura, escultura, desenho industrial e arquitetura.

– “*Criar/Projectar não é uma profissão, mas sim uma atitude.*” – László Moholy-nagy.

Há espaço para o mais tradicional estar de projectar uma casa ou esse espaço está totalmente ocupado pelo modo de estar na vida e pelo criar de objectos que habitam a casa e a investigação?

CC: Acho que, apesar de não estar a trabalhar com projetos de arquitetura (seja de construção e/ou interiores) desde 2017, a arquitetura sempre me acompanha em qualquer atividade que desempenho, seja na no refletir sobre como uma forma causa emoção ou na solução de um problema na forma de um objeto.

Agora, uma pausa com a Carol para falar com o Tota.

Tota Cantalice o Arquitecto e Lente. Todavia, antes de chegarmos à disciplina da Architectura temos de falar do antes... de Évora nos anos 1990.

Como é que vem um jovem Tota parar a Portugal para estudar Artes e Design deste lado do Atlântico, em Évora? Fuga dos pais ou busca, desde tenra idade, por novas experiências

depois de um tempo eles resolveram vir para Portugal, e eu vim junto. Ou seja, não foi fuga dos pais, muito pelo contrário, foi apego (risos). Entretanto, a grande impressão que tive foi mesmo na escola, mergulhei de cabeça no curso de Artes e Design da Escola Gabriel Pereira, e aquilo me marcou profundamente. Foi nas oficinas daquela escola que tudo começou a se organizar melhor na minha cabeça.

Sabendo que vens de uma família de pintores e escultores do Nordeste brasileiro, era inevitável o jovem Tota começar cedo nos caminhos das artes e formar-se numa disciplina tão abrangente como a Architectura?

TC: Talvez sim. Fui criado por três irmãs: a Marília (escultora e mãe), a Marisa (pintora) e a Maritza (escultora), e vivi desde cedo a vida de uma casa-atelier. A cidade de Olinda foi igualmente importante nesse processo, um caldeirão cultural borbulhante. Minhas “mães” estavam sempre a me desafiar a pintar, desenhar, moldar, e a olhar... tive aí forte incentivo. Depois veio a Escola Gabriel Pereira e a Faculdade de Arquitetura, estas duas serviram para normatizar processos.



© Aparador para Vinhos, Acervo ALIGA

Que significa para ti o ser-se Arquitecto e lente da disciplina? A pergunta é um desafio à tua capacidade de síntese na vã filosofia.

TC: A disciplina da arquitetura tem o fantástico poder de ampliar nosso olhar, isso é facto. Entretanto, como todo indivíduo, o Tota é também vicissitude de uma coleção de recortes, de vivências, de experiências e decisões. Acho que é nisso que mora a essência do fazer e do ensinar em arquitetura, é nesse reconhecimento do *homo faber* como pensante crítico, construído de retalhos, como criatura de sentimento, que eu me vejo, e é isso que tento passar para meus alunos em minhas aulas.

A Carol dedicou o tema da sua tese de doutoramento ao painéis do muralismo mexicano. De ti – sabemos que já trazes um doutoramento na algibeira e até estudos pós-doutoramento – a que dedicaste tu o teu tempo e sagacidade por maior conhecimento?

TC: Nessa altura estava eu repleto de livros de marcenaria a me questionar sobre muita coisa, então resolvi construir uma pesquisa de pós-doutoramento para tentar diminuir – pelo menos um pouco – essa curiosidade.

produção dos artefices de madeira, mesmo ela sendo utilizada quase que exclusivamente no meio da arquitetura. Usei como objeto de estudo três artefices pelo qual tenho grande apreço, o nipo-estadunidense George Nakashima, o russo James Krenov, e o português Joaquim Tenreiro. Refletir sobre como cada um concebia e trabalhava a madeira, de maneiras totalmente distintas, foi muito satisfatório.

Porquê o Movimento Moderno tem tanta força em ti?

TC: Eu cresci em sobrados olindenses repletos de pinturas em suas paredes e adorava isso; entretanto, havia outra casa que muito me impactou quando criança, a casa de meu tio Lula. Apesar de ser igualmente repleta de quadros em suas paredes, ela tinha um formato em ‘U’, e era rodeada de jardins que integravam tanto o interior com o exterior da casa. Mas não se engane, quando falo jardins, não falo desses comportados, eram mesmo jardins de vegetação selvática, tomando emprestado os dizeres do arquiteto Armando de Holanda. Era vegetação tropical, densa e de folhas grandes, e o espaço mais confortável da casa era o terraço frontal, sombreado por uma grande árvore. Além da casa parecer respeitar enormemente essa árvore, a sua configuração de materiais era tão harmônica, tinha o betão, o tijolo, as calhas de escoamento das águas da chuva, tudo à vista. No primeiro período da faculdade, questionei meu tio sobre sua casa, e ele – que era igualmente arquiteto e professor – sem me falar nada, foi ao seu estúdio e voltou com o livro *The New Brutalism. Ethic or Aesthetic*, do Reyner Banham. É engraçado como alguns momentos se transformam em gatilhos para algumas lembranças, mas acho que foi o folhear desse livro que despertou em mim essa curiosidade pelo Movimento Moderno.



© Tota Cantalice, por Caian Dechamps

Tempo de juntarmos a Carol ao Tota Cantalice.

– “*A estrutura não é apenas um meio para uma solução. É também um princípio e uma paixão.*” – Marcel Breuer.

Quando nasce esta vontade de criar uma oficina de madeira e criar estruturas várias, por princípio e paixão?

CC: O surgimento da oficina foi gradual... e acidental (risos)!

porque a casa era projeto do Tota, temos muitos quadros e objetos de arte, mas dentre tudo isso, tínhamos um móvel de TV horroroso, e que queríamos muito trocá-lo. Começamos a saga em busca de um móvel de TV. Depois de muito procurar, não estávamos satisfeitos: ou eles não tinham qualidade ou eram extremamente caros (absurdamente, de forma a não justificar o preço que tinham). Durante uma visita a uma loja de construção (daquelas de grande superfície) para especificar alguns materiais para um cliente, passamos pela área de ferramentas e havia uma serra de bancada em promoção. “*Ora!*”, pensamos: “*Podemos comprar a serra, compramos as madeiras e nós mesmos fazemos o nosso móvel. Vai ser super fácil!*”. Tanto eu quanto Tota tínhamos tido uma vasta experiência em detalhamento de móveis, pois tínhamos trabalhado em escritórios que detalhavam tudo desde o macro até o micro. Projetamos o móvel e compramos as madeiras. Só tínhamos os fins de semana para trabalhar, e a “oficina” se resumia à nossa garagem (coberta, porém aberta), a serra de bancada, um berbequim e uma lixadora. Foram vários fins de semana até finalizar a peça que tinha fundo amovível, gaveta, rodízios e junções a 45 graus. Resultado: o móvel que deveria ter originalmente 1,10m de comprimento, e que por causa dos “percalços” terminou com pouco mais de 90cm (risos). Tinha uma série de problemas, mas foi uma grande aventura! Serviu de estopim para despertar em nós a vontade de aprender mais e buscarmos mais conhecimento sobre o ofício da marcenaria.

Nada como o empirismo para nos levar pelos caminhos certos, mesmo que o móvel não tenha saído na perfeição! E depois dessa experiência...

CC: Depois desta experiência fizemos um curso em Olinda e outro em Valle de Bravo (México). Começamos a investir em algumas ferramentas para a nossa oficina em nossa garagem e criar algumas peças. Alguns amigos começaram a nos pedir algumas delas. Neste meio-tempo, já tínhamos decidido regressar a Portugal e Tota decidiu fazer a pesquisa do pós-doutoramento na FAUP (Porto) dele sobre o processo criativo e o trabalho de três artesãos da madeira. Foi aí que nasceu a ALIGA, já em território português.

Focando-nos na matéria – a madeira. Ela é a vossa estrela maior, com especial enfoque para a reutilização da mesma.

De onde vem este amor à madeira e como se tornou o ambiente uma preocupação maior no vosso acto criativo e construção?

CC+TC: O amor pela madeira, para ambos, é algo um tanto quanto inexplicável. A madeira como elemento natural, as marcas de seus veios que testemunham seu crescimento, as marcas de danos naturais, transformam a madeira em uma matéria prima repleta de vida e lembranças, e achamos isso fantástico. No que diz respeito à reutilização, nós já tínhamos uma preocupação relacionada aos processos de descarte de maneira geral e com a madeira não foi diferente. Para nós, o reuso se trata de uma postura de enorme respeito pela matéria e apesar de nos dar muito trabalho, torna a peça ainda mais pessoal, por sua história e renovação. Acaba que no fim, a madeira sempre nos agradece e isso já nos é suficiente.



© Consola 1B, Acervo ALIGA

– “A forma deve ter um conteúdo, e esse conteúdo deve estar vinculado à natureza.” – Alvar Aalto.

Seria (quase) impossível abraçar um projecto como o vosso, nos tempos que correm, sem haver uma consciência ambiental forte e determinante, concordam?

CC+TC: Concordamos. Os tempos atuais buscam, muitas vezes, soluções rápidas e práticas. Muitas vezes, entretanto, esses critérios resultam na produção de objetos de curta vida útil e de grande geração de resíduos. O nosso projeto tenta contornar tanto o uso de madeiras novas (embora há situações em que não conseguimos fugir da compra de madeiras em serrações e lojas), quanto a produção mecanizada e impessoal das peças. A forma como decidimos conduzir a produção da ALIGA nada tem a ver com rapidez. Isso não quer dizer que não usamos máquinas, pois sim, as usamos. Costumamos sempre dizer: não somos fábrica e não temos a pretensão de o ser. Precisamos de tempo e, às vezes, as soluções que queremos realizar não são práticas, mas resultam em detalhes únicos e que se ligam à história das pessoas, do local e/ou da matéria. A intenção da ALIGA é comunicar-se com o espectro afetivo das pessoas, fazê-las perceber o propósito e o resultado das peças, além de fazer peças que tenham uma longa vida.

“Uma linha é um ponto que foi dar um passeio.” Paul Klee. Vocês juntos são o ponto que veio em linha para Portugal, ousamos dizer.

Em que momento sentem que é em Portugal, e não em qualquer outro lugar, que faz sentido a vossa oficina singrar, crescer, existir? O que vos fez ser a linha de Paul Klee e deixar o vosso Nordeste Brasileiro pela nossa Serra da Lousã?

CC: Conhecemos a Lousã em 2013, quando fomos conhecer o Talasnal. Naquela altura estávamos a viver em Coimbra. Quando por cá passamos, nos apaixonamos pelo local! Nos lembrou muito o local em que vivíamos no Brasil, que era em meio à floresta e próximo a um lago. De volta ao Brasil, começámos a alimentar a ideia de voltarmos a Portugal no futuro e a vontade era de irmos para um local como a Serra da Lousã. Queríamos desacelerar o nosso ritmo de vida, sair da capital de um estado brasileiro que tem quase a mesma dimensão e população de Portugal (até o formato é parecido), (risos), e ir para um local tranquilo, onde pudéssemos viver e trabalhar com tranquilidade. Em 2017, encontramos a nossa casa/oficina na Serra da Lousã. Foi paixão à primeira vista, espaço perfeito para o nosso trabalho! Oras, o que mais poderíamos querer, se cá estamos no meio da natureza, com uma bela vista, ao som dos pássaros e da ribeira?

TC: Acho que trazemos muito, a perder de vista! Falo primeiramente da simplicidade das relações, da ideia, do trabalho com o que se tem a mão, do fazer muito com pouco... não sei explicar ao certo, mas para mim parece constituir uma certa atitude. E depois vem a influencia dos móveis tradicionais do interior do Nordeste, em madeira maciça, feitos para durar, a aqui não falo dos móveis ornamentados, e sim dos banquinhos dos feirantes, dos bancos de espera, das coisas comuns.

“A madeira como elemento natural, as marcas de seus veios que testemunham seu crescimento, as marcas de danos naturais, transformam a madeira em uma matéria prima repleta de vida e lembranças, (...) já tínhamos uma preocupação relacionada aos processos de descarte de maneira geral e com a madeira não foi diferente.”

A família foi determinante na mudança, no sentido positivo e de inspiração?

CC+TC: Não diríamos determinante, entretanto as nossas famílias sempre nos apoiaram em nossas decisões.

E eis que não conseguimos avançar mais sem vos fazer a pergunta cliché... Porquê o nome ALIGA para a vossa oficina? Apenas o significado do verbo *aligar* ou algo mais?

CC+TC: (risos) Ah, essa é complicada! São tantos motivos, mas estão tão bem guardados (risos).

Perdoem a apropriação de uma expressão brasileira, mas não resistimos: “isso é pura sacanagem“, não desvendarem. (Risos).

– “Para criar é preciso, primeiro, questionar tudo.” – Eileen Gray.

Que questionam vocês, mais que tudo, antes de criar cada nova peça ALIGA?

CC+TC: Seguimos a cartilha da Senhora Gray. Primeiramente levantamos algumas considerações que servirão para guiar o nosso processo de concepção: os anseios do cliente, seus gostos, o objetivo da peça, a matéria-prima disponível, de onde a madeira vem, qual a quantidade, para onde a peça vai e como ela vai. Com as informações reunidas iniciamos uma tempestade de ideias com propostas diversas normalmente desenhadas a mão. Esgotamos as propostas até elegermos uma a ser apresentada. As vezes optamos por vetorizar algumas ideias, mas outras não, são mesmo desenhadas a mão para a apresentação final. Entretanto, uma proposta de uma peça nunca é algo definitivo, pois durante a construção, com frequência, mudamos detalhes e entalhes. Em dado momento parece que conforme toma corpo, a peça nos pede algumas coisas, e nós sempre a obedecemos (risos).

– “Um objecto deve ser julgado se tem uma forma consistente com o seu uso.” – Bruno Munari.

Já agora... Como julgam as vossas peças depois de concluídas?

TC: Depois de tanto tempo dedicado a cada peça, desde a concepção até o acabamento, e aqui sublinhamos principalmente a fase de acabamento – quando passamos algo em torno de cinco a seis dias a namorar a peça enquanto a finalizamos – é que construímos uma relação com a mesma. No fim, quando as peças estão concluídas, percebemos que estamos em uma relação a três (risos).

Imagino que seja difícil deixar a peça ir viver para o local que foi idealizada. Vejo-as, as peças, como filhos vossos, mas... E o julgar da mesmas?

TC: O julgamento do que podem elas ser, preferimos deixar para os outros, pois claramente nossa opinião seria tendenciosa.



© Estante S+H, Acervo ALIGA

Para fecharmos esta conversa, quatro perguntas mais.

A vossa ligação ao estudo na área da Arquitectura será sempre algo para continuar em paralelo?

CC: Achamos que nunca se deve deixar de estudar nada na vida. Por mais que hoje o nosso trabalho seja voltado para a marcenaria, acho que o estudo na área da arquitetura sempre irá nos acompanhar, seja direta ou

A Serra da Lousã tornou-se a vossa casa ou o Nordeste Brasileiro ainda é um regresso desejado? Ou, usando a frase de Gropius – “A mente é como um guarda-chuva. É mais útil quando aberto.” – tudo está em aberto e o futuro à incógnita pertence?

TC: O Nordeste Brasileiro sempre continua no coração, saudade contínua e avassaladora, que é diminuída quando para lá vamos e aumentada quando de lá saímos. A Serra da Lousã, por outro lado, tornou-se sim nossa casa, em poucos anos construímos uma relação de pertencimento muito grande com ela. Absorvemos sua história, seus hábitos, suas paisagens, sua cultura... nos alimentamos da Serra, diariamente. No fim, entretanto, entre casas que vão e casas que vem, achamos que o nosso guarda-chuva é o mundo, aproximando-se da visão do amigo Gropius.

Não resistimos à tentação de vos indagar sobre a inspiração para as vossas criações.

Há música ou sabores que vos inspirem mais, no acto criativo?

CC: Escolher alguma música em especial é uma tarefa muito difícil para nós (risos). Somos movidos por música. No ano passado nós escutamos cerca de 1363 horas de música em *streaming*, o que corresponde a quase 57 dias!

Não admira que as vossas criações seja tão ritmadas, na nota certa. Algum género musical que se destaque nessas horas de música?

CC: Embora o nosso género mais ouvido seja o rock, temos ouvidos que escutam desde a música clássica até a música armorial, indie, eletrônica, post-rock, lo-fi, géneros alternativos, reggae, rap, manguebeat, mpb e jazz, hardcore... Dentre todas, entretanto, as músicas mais frequentes para o acto criativo são as instrumentais, enquanto que para os trabalhos na oficina são as mais movimentadas.

TC: Outra forte fonte de inspiração para nós é a Serra da Lousã, seus cheiros, seus sons, seus caminhos. O nosso entorno nos inspira de maneira radiosa, e uma caminhada pelos seus trilhos é revigorante. Decerto a Serra contribui profundamente para a reflexão sobre o nosso fazer.



© Montagem Daybed, Acervo ALIGA

Joaquim Tenreiro, tem Zanine, tem Lina bo Bardi, tem Sergio Rodrigues... e tantos outros. Tem uns mais jovens também, tem Móveis Mosteiro, tem Oficina Baraúna e tem Marcenaria Olinda. Também tem lugar em nosso coração o entendimento da posição do marceneiro para James Krenov, a visão de mundo de George Nakashima, as reflexões do Enzo Mari. Tem tantos que é melhor parar por aqui (risos). É como diria nosso amigo Walter Gropius – “*Minha cor preferida é o colorido*”. No fim, entretanto, essa turma tem um lugar especial em nosso coração, mas elas não conduzem o nosso traço. O entendimento de suas reações ao mundo, no entanto, constituem um sopro que nos excita e incita a continuar a navegação por esse caderno repleto de traços, que é o trabalho que fazemos.

São guiados pelos mestres...

Algum desejo ou sonho especial para a ALIGA?

CC+TC: Almejamos, antes de tudo, que a ALIGA continue a crescer de maneira saudável e que refine ainda mais a sua identidade e seu *savoir-faire*. Desejamos, entretanto, instigar as pessoas a um olhar sobre as nossas peças – um olhar desatento e natural que resulte no tocar, no sentir e no cheirar – e que incite certa reflexão – ou melhor, introspecção – sobre como o trabalho duro em uma oficina pode resultar não só em produtos físicos, mas também em ações que contribuam para melhorar o mundo no qual habitamos.

Para conhecer mais do portfolio desta dupla viciante e contagiante, desafiamos a navegarem no site da ALIGA (link abaixo). Difícil será resistir ao charme das peças criadas por Carol e Tota Cantalice e não ter um pouco do Nordeste Brasileiro a aquecer, com estética e execução exímias, a sua casa e o seu olhar.

ALIGA é um mundo em construção que urge conhecer. •

+ ALIGA
© Fotografia de destaque: Carol e Tota Cantalice, por Caian Dechamps.

Já recebe a **Mutante** por e-mail? Subscreva [aqui](#).



YOU MIGHT ALSO LIKE

- ART**
Nas páginas da Bruaá
- DESIGN NACIONAL**
Loop Lounge Chair / WEWOOD
- DESIGN NACIONAL**
Slow Fashion com Ownever
- ART**
Anonimamente, Rómulo Santa Rita
- DESIGN NACIONAL**
Quão tropical é Trancoso dentro de um frasco?

NO COMMENTS